18:10 Vo)) LTE 5G 26%

Opinião do GLOBO

Antes ímã para imigração, Brasil virou terra de emigrantes

Comunidade brasileira no exterior já soma 4,5 milhões. Fuga de cérebros é prejudicial ao desenvolvimento

Conhecido como terra de oportunidades acolhedora para imigrantes, o Brasil tem se transformado em país de emigrantes. A comunidade brasileira no exterior soma 4,5 milhões, sem contar aqueles em situação ilegal. Mais da metade desses brasileiros que vivem no exterior, ou 2,6 milhões, emigrou na década de 2012 a 2022, um período de crises, com destaque para a debacle econômica e política da gestão Dilma Rousseff. As estatísticas de emigração são especialmente elevadas entre 2013 e 2020, segundo a série de reportagens que o GLOBO tem dedicado ao tema.

Em 2013, o consumo das famílias brasileiro registrou o décimo ano de crescimento consecutivo, mas a cada ano inferior ao anterior. A partir daí, vieram a recessão e o aperto que estimularam a busca por novas oportunidades fora do país. "As pessoas que haviam ascendido socialmente e formado uma nova classe média passaram a ter dificuldades para manter a posição conquistada", afirma o sociólogo Rogério Baptistini, da Universidade Mackenzie.

É a perda da esperança numa vida melhor que leva sobretudo os mais jovens a pensar em emigrar. Uma pesquisa do Datafolha feita em 2022 com jovens em 12 capitais brasileiras constatou que 76% tinham "muita" ou "alguma" vontade de sair do Brasil. Quanto mais novos, maior o desejo de emigrar. Sem base para um crescimento econômico sustentado, capaz de gerar empregos e renda para que a população realize seus projetos de vida, o Brasil perdeu a imagem, cultivada durante muito tempo, de "país do futuro". O resultado é que, na última década, o número de brasileiros no exterior aumentou 47%, enquanto a população vivendo dentro das fronteiras cresceu apenas 6,5%.

O próprio perfil dos emigrantes tem mudado desde a década de 1990, segundo André Linhares, advogado especialista em migração para os Estados Unidos. Antes, muitos tentavam arriscar para ganhar a vida. Hoje, grande parte emigra não por necessidade financeira, mas pela busca de qualidade de vida.

É verdade que a diáspora brasileira no exterior remeteu ao país R$ 4,7 bilhões no ano passado, um recorde. Mas, ainda que tragam recursos, é grave que o Brasil perca profissionais qualificados que se aperfeiçoam lá fora e não deverão voltar para trabalhar em setores importantes baseados em pesquisa e inovação. A "fuga de cérebros" torna ainda mais escassa a mão de obra mais necessária para nosso desenvolvimento. E a situação poderá piorar.

Além de perder brasileiros que poderiam contribuir para um crescimento mais robusto, a fuga para o exterior ocorre num momento em que a população envelhece e tende a estagnar ou mesmo diminuir. O Brasil teria de fazer o oposto: além de reter sua população, atrair mais imigrantes, para ajudar a aumentar o consumo interno, a gerar mais receitas para o governo e mais investimentos para a economia. Outro risco de haver menos jovens no mercado de trabalho é a pressão sobre o financiamento das aposentadorias. A questão migratória precisa ser acompanhada de perto em Brasília. Precisamos de políticas que façam novamente do Brasil a terra de acolhimento, de braços abertos aos imigrantes, que sempre foi.

Conhecimento científico é trunfo do país diante de mudanças climáticas

Pesquisas em curso na Embrapa usam patrimônio genético para tentar adaptar espécies a clima mais inóspito

As mudanças climáticas continuam a afetar o produtor agrícola brasileiro. A safra de grãos, cereais e leguminosas não repetirá neste ano resultados tão bons quanto em 2023. A queda prevista, de 2,8%, é creditada ao clima, de acordo com o IBGE. Os pesquisadores temem que, com o passar do tempo, a "safrinha de milho" colhida no Centro-Sul de janeiro a abril, depois da safra de verão, desapareça.

O maior trunfo do Brasil para enfrentar estes novos tempos é o conhecimento científico acumulado pela Embrapa. Nos últimos 51 anos, a empresa de pesquisas esteve por trás da transformação da agricultura brasileira em competidor de escala global. Sem o trabalho dela, o Brasil não teria avançado com a produção de grãos pelo bioma inóspito do Cerrado.

Mesmo que os cientistas não produzam conhecimento na mesma velocidade com que as temperaturas deverão subir, há um acervo acumulado de pesquisas que continuam a surtir efeitos. Mais uma variedade de soja acaba de ser desenvolvida. "Uma planta que suporte de dez a 15 dias a mais de seca pode fazer uma diferença de vida ou morte para a safra", disse ao GLOBO o pesquisador Alexandre Nepomuceno, responsável pela pesquisa e chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Soja (Embrapa Soja).

Desenvolver transgênicos, operar a edição do DNA de espécies e aplicar micro-organismos associados às plantas são os caminhos de pesquisa mais promissores. Hoje, 95% da soja e 80% do milho produzidos no Brasil já são transgênicos. O foco vinha sendo obter plantas resistentes a pragas. Mas o aquecimento global acrescentou mais uma tarefa para a Embrapa. A edição gênica se tornou rápida e barata graças à técnica conhecida como CRISPR. Ela permite que empresas como a Embrapa desenvolvam variedades de plantas com mais facilidade.

Outro trunfo forte da Embrapa é a biodiversidade vegetal brasileira, a maior do mundo. Há à disposição uma infinidade de genes a trabalhar em laboratórios para tornar as espécies menos vulneráveis a altas temperaturas ou à seca. Existem, na Caatinga e no Cerrado, plantas que sobrevivem por longos períodos de seca como se hibernassem e são capazes de ressuscitar em menos de dois dias quando chove. Resultado de associação da Embrapa com a Unicamp, o Centro de Pesquisa em Genômica para Mudanças Climáticas tem descoberto na Serra da Canastra (MG) plantas muito resistentes à seca. Há na região canelas-de-ema que sobrevivem com até 5% de água em seus tecidos (grande parte dos vegetais morre quando esse índice fica abaixo de 50%).

Todo esse patrimônio genético poderia, em tese, ser transferido a outras espécies vegetais, de modo a garantir sua adaptação a um clima mais quente e mais inóspito. O conhecimento científico é a maior vantagem que o Brasil detém para proteger sua agricultura do aquecimento global. As autoridades não podem se esquecer disso.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA

blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editoria.artigos@oglobo.com.br

STF na gangorra

A preocupação com a prescrição dos crimes sempre foi tema central do Supremo Tribunal Federal (STF), tanto que em seis anos está mudando pela segunda vez seus critérios sobre o foro privilegiado para tapar supostas brechas na legislação. Tamanho cuidado, no entanto, faz com que os juízes de nossa mais alta Corte de Justiça andem em círculos e voltem à origem do problema, sem resolvê-lo.

Historicamente, o entendimento do Supremo sobre o que se chama tecnicamente de "foro por prerrogativa de função" era ampliativo, para abarcar todas as autoridades incluídas na Constituição Federal, ainda que o crime tivesse sido praticado antes da investidura no cargo e que não guardasse qualquer relação com o seu exercício. Foi esse entendimento ampliado do instrumento que provocou, em 2018, a mudança restritiva, proposta pelo ministro Luís Roberto Barroso.

Na sua crítica ao modelo, Barroso ressaltou que os resultados negativos "são muito óbvios", a impunidade e o desprestígio que isso traz para o Supremo. "É tão ruim o modelo que a eventual nomeação de alguém para um cargo que desfrute de foro por prerrogativa é tratado como obstrução de justiça, em tese", o que seria, na definição de Barroso "quase uma humilhação para o Supremo".

Esse modelo acarretou, na análise da época, um quadro disfuncional do instituto que acabou por impedir a efetividade da justiça criminal. Segundo Barroso, "o Supremo Tribunal Federal não tem sido capaz de julgar de maneira adequada e com a devida celeridade os casos abarcados pela prerrogativa. O foro especial, na sua extensão atual, contribui para o congestionamento dos tribunais e para tornar ainda mais morosa a tramitação dos processos e mais raros os julgamentos e as condenações".

O verdadeiro papel do STF é o de Suprema Corte, e não o de tribunal criminal de primeiro grau

Uma consequência adicional seria a de afastar o Tribunal do seu verdadeiro papel, que é o de Suprema Corte, e não o de tribunal criminal de primeiro grau. Na visão de Barroso, os tribunais superiores, como o STF, "foram concebidos para serem tribunais de teses jurídicas, e não para o julgamento de fatos e provas". Aliás, Barroso chegou a aventar a hipótese de que fosse criado um novo tribunal penal para tratar dos casos criminais de quem tem foro privilegiado, mas a ideia não teve o apoio dos colegas, sendo aventada candidamente a hipótese de que o poder do Supremo seria esvaziado diante desses "superministros" que cuidariam dos casos das centenas de autoridades protegidas pelo instituto.

A decisão de que somente tem foro por prerrogativa de função a pessoa que está "no exercício" do respectivo cargo público e pratica a infração penal "em razão" deste foi tomada pela maioria do plenário do STF sob a alegação de que houve uma "mutação constitucional em sentido técnico", provocada por três fatores: a realidade fática mudou ou a percepção social do Direito mudou ou as consequências práticas de uma orientação jurisprudencial revelaram-se negativas. Os três fatores foram identificados na regra jurídica sobre foro privilegiado, na opinião majoritária do plenário.

Na ocasião, o Supremo Tribunal Federal, para evitar o chamado "efeito gangorra", quando o réu renuncia ao cargo, podendo gerar prescrição de eventual punição, decidiu estabelecer o fim da instrução processual como o momento a partir do qual "a competência do órgão especial seja fixada de maneira imodificável".

Como se vê, na decisão de seis anos atrás, evitar a prescrição da pena já era uma preocupação do legislador, que agora utiliza o mesmo argumento para ampliar ainda mais o alcance do foro privilegiado. Se, naquela época, a amplitude do foro privilegiado prejudicava os trabalhos do STF, por que agora, abrangendo mesmo aqueles que em qualquer momento da vida tiveram foro privilegiado, poderia evitar as eventuais prescrições?

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vieira da, Fábio Barbosa, Luiza Bapista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiten - leila.suwiten@sp.oglobo.com.br
Saúde: Ariana Cha Lopes - ariana.cha.lopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.c.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Catarina Goulart - cgoulart@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.a: Vera Cavuco - veracavuco@oglobo.com.br
Bairros: Vitor Calmon Filho - vitorcalmon@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito
ou débito automático em conta-corrente
(preço de seguinte ao mês vigente)
para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Domingo: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não aceita em capitais para entrega de muito ou nenhuma da assinatura. Recomendamos qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO em uma parte de venda, acesse para vendasavulsas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5202

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4033
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC MIX CREDIT
A marca do manejo florestal responsável
Leia mais e faça pergunta. Conheça o FSC.
CARBON FREE